

Aprendizagens Visíveis: O ensino da Geografia através dos jogos e brincadeiras.

Visible Learning: Teaching geography through games and play.

Aprendizaje visible: enseñar geografía a través del juego.

Yasmin Barbosa do Nascimento¹

 0009-0007-6680-7666

RESUMO: A Geografia é, oficialmente, uma disciplina do currículo da educação básica no Brasil e, desde sua inserção na década de 1930, vem sendo constantemente repensada, acompanhando as mudanças sociais, políticas e científicas. Ao longo deste processo, surgiram novas propostas e metodologias, uma delas, o modelo de aprendizagem visível, que apesar de poder ser aplicado em qualquer área de conhecimento, dialoga sobre um ensino humanizado e coletivo, centrado no protagonismo do estudante e a construção consciente do conhecimento. Com base nesta proposta metodológica, desenvolvemos uma série de atividades em nossa participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), buscando articular a teoria e a prática no Ensino da Geografia. Entre as propostas criadas durante o programa, estão os Cartões Viajantes, o PIBIDcast e a oficina Desenho Geográfico. Desta forma, este texto busca apresentar, de maneira simplificada, propostas didáticas, estabelecendo suas ligações com o referencial teórico das aprendizagens visíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagens Visíveis; docência; Geografia.

ABSTRACT: Geography is officially part of the basic education curriculum in Brazil; since its inclusion in the 1930s, the discipline has been constantly re-evaluated to keep pace with social, political, and scientific changes. Throughout this process, new proposals and methodologies have emerged—including the "visible learning" model. Although applicable to any field of knowledge, this model fosters a humanized, collaborative approach to teaching that centers on student agency and the conscious construction of knowledge. Drawing on this methodological framework, we developed a series of activities as part of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID), aiming to bridge theory and practice in geography education. Initiatives created during the program include "Traveling Cards" (*Cartões Viajantes*), "PIBIDcast," and the "Geographic Drawing" workshop. This text aims to present these didactic proposals in a simplified manner, highlighting their connections to the theoretical framework of visible learning.

KEYWORDS: Visible Learning; teaching; Geography.

RESUMEN: La geografía es oficialmente una asignatura del currículo de educación básica en Brasil y, desde su inclusión en la década de 1930, se ha replanteado constantemente, adaptándose a los cambios sociales, políticos y científicos. A lo largo de este proceso, han surgido nuevas propuestas y metodologías, entre las que destaca el modelo de aprendizaje visible, que, si bien es aplicable a cualquier área del conocimiento, se centra en un enfoque didáctico humanizado y colectivo, centrado en el protagonismo

¹ Bacharel interdisciplinar em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Campus Litoral Norte. Estudante de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Campus Litoral Norte. Participante do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Email: yasminbarbosa.ufrgs@gmail.com.

del estudiante y la construcción consciente del conocimiento. Con base en esta propuesta metodológica, desarrollamos una serie de actividades durante nuestra participación en el Programa Institucional de Becas para la Iniciación Docente (PIBID), con el objetivo de articular la teoría y la práctica en la enseñanza de la geografía. Entre las propuestas creadas durante el programa se encuentran las Tarjetas Viajeras, el PIBIDcast y el taller de Dibujo Geográfico. Por lo tanto, este texto pretende presentar, de forma simplificada, propuestas didácticas, estableciendo sus conexiones con el marco teórico del aprendizaje visible.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje visible; enseñanza; geografía.

Introdução

“As escolas têm que ser interessantes para serem relevantes. Precisam encantar, envolver toda a comunidade, surpreender, transformar a vida de todos. Metodologias ativas, modelos híbridos, aprendizagem para a compreensão, visível, são caminhos para o desenvolvimento da aprendizagem criativa, autônoma, colaborativa, abandonando a postura de espaços de replicação de conhecimentos prontos.” (MORAN, J. A complexidade de aprender e de tornar visível o que aprendemos, In: Andrade, J., 2021, p.7)

Ainda que na busca por encaixar-se às dificuldades e aos empecilhos impostos pelo sistema de educação atual, muitos professores acabam por se espelhar e reproduzir metodologias conservadoras e/ou ultrapassadas, movidos talvez pela exaustão ou pela desvalorização a qual está área infelizmente vem sendo alvo de forma cada vez mais injusta e explícita. É de extrema importância que como docentes, em especial da educação básica na qual os alunos estão sujeitos a um denso currículo, busquemos formas de tornar nossos alunos cada vez mais críticos, que observem atentamente, sejam criativos e que além destas exercitem inúmeras outras habilidades. Para que isso aconteça, é necessário que o professor também se mantenha em movimento, sem adotar uma postura de detentor do conhecimento e da razão, que ensine com entusiasmo e estimule a curiosidade, características tão almejadas por nós docentes ao entrarmos em uma sala de aula. Portanto, aderir a metodologias que integrem e estimulem a participação do aluno nas aulas, torna-se algo benéfico para todas as partes.

Compreender que a docência não é neutra, muito menos está livre de valores e opiniões, cada aluno que chega em nossa sala de aula traz uma bagagem repleta de vivências, experiências, conhecimentos, etc. Trazer essas experiências para sala de aula é valorizar a trajetória do aluno, algo simples e possível, a partir do momento em entendemos que a sala de aula é um espaço plural de troca e construção diária, e não apenas uma infinidade de conteúdos a serem passados pelos professores e “aprendidos” pelos alunos. É de extrema importância

compreender que a sala de aula é um dos espaços mais políticos da sociedade, onde opiniões se formam e se expandem, valorizar o ensino e a sua importância social e individual, as informações chegam ao nosso aluno cada vez mais rápido e com menos responsabilidade, e é urgente que mais que apresentar conceitos e conteúdos, o professor ensine a filtrar as informações que chegam ao aluno, portanto, constituindo um papel de mediador.

Diante da necessidade de promover estratégias para o protagonismo e o engajamento do estudante em seu processo de aprendizagem, surge a necessidade de estratégias como as *aprendizagens visíveis* que contribuem para o ensino de disciplinas, como a geografia, de uma forma lúdica e participativa. Neste caso, mostrando a integração entre a educação básica e o ensino superior, destacando o potencial e a importância desta parceria.

Fundamentação

A Geografia como campo de conhecimento, como disciplina escolar e as Aprendizagens Visíveis como estratégia pedagógica

A Geografia é um campo do saber que há tempos convive com a incômoda pecha de que os objetos de conhecimento por ela tratados podem reduzidos a uma lista de informações que, se bem decoradas e reproduzidas nas avaliações, conferem um conceito suficiente para a aprovação. Não é incomum que se questione professores de geografia sobre a toponímia de rios ou capitais de localidades ainda nos dias de hoje. Romper com esse estigma demanda alguma energia.

Inicialmente o ensino de Geografia esteve fortemente associado à transmissão de conhecimento, (informações, talvez) sendo frequentemente visto como algo pronto, numa dinâmica em que o professor é visto como aquele que o detém e transmite, já ao aluno cabe a posição de quem o recebe e assimila, por meio da memorização das informações sobre o espaço, tais como a localização e a mera descrição de características do que se vê. Contudo, olhar para a geografia como algo que pode ser de uma maneira generalista, apenas decorado e assimilado, limita as inúmeras possibilidades que essa disciplina obtém, dispensando a interpretação do espaço que o estudante enquanto indivíduo vive e reconhecer nele as transformações, conflitos, apropriações e desigualdades. Desconsiderando que o espaço é continuamente transformado,

principalmente por meio das interações entre o indivíduo e a natureza, que é transformada e convertida em espaço.

Desta forma, quando entendemos a geografia como uma disciplina que compreende as mais diversas interações entre o espaço e o indivíduo, abrimos espaço para a valorização das experiências e vivências externas do aluno, entendendo que ele não é algo vazio que precisa ser ensinado, mas alguém que tem uma concepção sobre o espaço que vivencia, relacionando estas vivências cotidianas aos conceitos científicos. Permitindo assim, para fins de ensino escolar, tomar o espaço como algo comum, o local onde vivemos e observamos todos os dias, o que torna o processo de aprendizagem mais participativo e eficaz. A geografia surge como uma disciplina interdisciplinar, que abrange e associa múltiplas áreas do conhecimento, e através de seus debates, torna-se o lugar ideal para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Em comum, todos os artigos se alinham com a ideia de tornar o processo de ensinar e aprender mais visível, mais profundo, mais significativo e autoconsciente para todos os sujeitos participantes, educadores e estudantes, fortalecendo assim uma cultura de pensamento visível em todos os tipos de ambientes de aprendizagem - dentro ou fora das escolas. (ANDRADE, J., 2021)

As aprendizagens visíveis constituem um modelo didático que propõe um processo de ensino e aprendizagem mais consciente, significativo e profundo. Onde o estudante assume um papel ativo em sua aprendizagem e o professor deixa o papel de transmissor, e se torna um mediador do conhecimento. Deixando de lado o modelo antigo e unilateral de ensino, e estabelecendo uma relação de troca entre os sujeitos com suas experiências e saberes.

Em comum, todos os artigos se alinham com a ideia de tornar o processo de ensinar e aprender mais visível, mais profundo, mais significativo e autoconsciente para todos os sujeitos participantes, educadores e estudantes, fortalecendo assim uma cultura de pensamento visível em todos os tipos de ambientes de aprendizagem - dentro ou fora das escolas. (ANDRADE, J., 2021)

Neste modelo, a sala de aula passa a ser compreendida como um espaço plural, de troca e produção cotidiana. Em que cada estudante chega à escola e contribui à aprendizagem contribuindo com suas experiências, vivências e interpretações de diferentes contextos sociais. O espaço é vivido em cada deslocamento, em cada paisagem, e é transformado cotidianamente, ação que ao produzir novos espaços, constrói elementos novos que devem passar a compor o conhecimento geográfico. Ao aproximar os conceitos geográficos das experiências do

estudante, constrói-se um ambiente favorável para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que articulem o conhecimento científico ao vivido.

Minha experiência com o PIBID

Deixo de lado as notas de rodapé para explicar com mais clareza, o que é o (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, (PIBID). Este projeto tão importante e significativo para a formação de futuros docentes é uma iniciativa do governo federal que busca inserir os alunos e incentivar a permanência de estudantes de cursos de licenciatura através de bolsas de extensão remuneradas. Durante a participação no PIBID o estudante vivencia a profissão e o ambiente escolar de diferentes maneiras, através da integração de diversos níveis de educação, o futuro docente tem a oportunidade de conhecer desde o Ensino Básico até as mais diversas trajetórias formativas.

Cada vez mais nos identificamos com as metodologias de aprendizagens visíveis, e se não durante o PIBID, quando poderíamos desenvolver melhor projetos como esse, desta forma surge o interesse em apresentar a cada aplicação de aula um novo produto didático, construindo assim um acervo que busca facilitar o planejamento e a execução das aulas, uma vez que, compreendemos as dificuldades e urgência em que as aulas são pensadas, contribuindo cada vez mais para a permanência de métodos que já não são tão eficazes.

Parece ser consenso entre ingressos em cursos de licenciatura, em especial participantes de projetos como o PIBID, a ânsia por mudar o sistema de ensino atual que baseia se, em geral, em aula extremamente faladas e pouco expositivas, com o foco em fazer com que o aluno decore o conteúdo, ao invés de aprendê-lo efetivamente e debater sobre ele. Nossa trajetória no programa não foi diferente, nas primeiras reuniões lembro-me de ouvir diversas críticas a esse sistema, talvez minha opinião não vá muito além disso, e daí surge o desejo de fazer diferente, construir aulas que sejam explicativas, mas também divertidas, e como isso poderia acontecer, se não, aprender brincando, jogando e debatendo, pode até parecer que essa estratégia seja utópica, se não fosse o engajamento e a participação dos alunos em nossas aulas, o que vem nos motivando a torná-las cada vez melhores e fazer dos nossos “joguinhos”, verdadeiros produtos didáticos.

Os cartões viajantes

A escola escolhida para a aplicação foi E.M.E.F. Norberto Martinho Cardoso², local de atuação do nosso supervisor Gabriel Vianna³ e nosso campo de atividade. A turma escolhida para nos receber foi a 81 (8º ano). Inicialmente fomos até a escola conhecer os alunos, a direção e a infraestrutura da escola. Neste primeiro momento, aproveitamos para observar e sondar o conteúdo já trabalhado pelos alunos, com isso, a prática se tornou muito mais fluida e dinâmica, apesar de sofrermos bastante com a falta de tempo (tínhamos apenas uma aula de 45 minutos). Durante todo o momento, tivemos o auxílio e a participação do professor Gabriel, o qual contribuiu para a nossa integração com a turma e para o decorrer da atividade.

Os cartões viajantes foram o pontapé inicial, criados em parceria com minha colega de projeto Ieda Juçara⁴, foi nossa primeira prática no programa e não poderia ser algo “chato”. O produto surgiu do desejo de cativar a turma, que agora passava a também ser nossa. A ideia inicial era produzir cartões com perguntas sobre o assunto *processos migratórios*, com imagens ao verso, que inicialmente não estavam relacionadas às perguntas. A ideia foi aperfeiçoada em sua versão posterior e passou a relacionar texto (perguntas) e imagens ao objeto de conhecimento trabalhado com a turma. Assim, criou-se um material de revisão das aulas mais densas sobre o conteúdo.

Figuras 1- 4: Modelo inicial dos cartões viajantes.



Fonte: Nascimento (2026).

² Escola Municipal de Ensino Fundamental Norberto Martinho Cardoso, localizada na rua Machado de Assis 185, no bairro Nova Nordeste em Imbé (95625-000) - Rio Grande do Sul.

³ Licenciado em Geografia pela UFRGS - Campus Litoral Norte, doutorando em Geografia pela UFRGS. Professor de Geografia do município de Imbé e supervisor do PIBID - Geografia da UFRGS/LITORAL.

⁴ Licenciada em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e estudante de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Campus Litoral Norte.

Figuras 5 - 6: Aplicação da atividade na E.M.E.F. Norberto Martinho Cardoso.



Fonte: Nascimento (2026).

Estes cartões são facilmente reproduzidos por qualquer pessoa, podem ser feitos manual ou digitalmente como os que aplicamos, isso pois, dentre os seus principais objetivos está a praticidade e a viabilidade. O material não possui regras e nem um jeito único de ser aplicado, e o fizemos da seguinte forma: as bolsistas chegaram à sala com uma mala de viagem contendo os cartões, a mala foi aberta e cada membro da turma podia tirar um cartão e escolher se ele queria ler e responder a pergunta ou apresentar à turma sua interpretação da imagem.

Após a aplicação da atividade, nos reunimos e juntas analisamos onde tivemos sucesso e/ou falha, e com isso, como poderíamos melhorar a nossa próxima aula.

Apesar das diversas autocríticas e inseguranças com a primeira aplicação, saímos com a certeza de que o material havia sido bem recebido e agradado aos nossos alunos. Com isso, surgiu o desejo de melhorar, criar novos produtos e aprimorar o que já tínhamos. Desta forma, os Cartões Viajantes ganharam uma nova identidade e passaram a lembrar um cartão postal, com selo próprio, e uma imagem ao verso que agora está relacionada ao conteúdo da pergunta.

Figuras 7 - 8: Modelo atual dos Cartões Viajantes.





Embora possa parecer distante, a temática das migrações é uma constante nesta região. O Litoral Norte recebeu muitos migrantes devido à pandemia e após as enchentes que assolaram o Estado no de 2024, também é possível verificar um grande fluxo de visitantes, muitos deles oriundos da diáspora africana durante a temporada de verão quando eles se destacam vendendo produtos e serviços (como tranças e tatuagens) pelas areias da praia. Os cartões viajantes permitem trazer novamente à vista estes eventos.

O PIBIDcast

O PIBIDcast, o podcast do PIBID - UFRGS/Litoral surgiu como ideia de nosso coordenador André dos Santos Baldraia de Souza⁵ para a integração da turma com a comunidade, basicamente, a cada episódio foram escolhidos temas importantes para a região e que dialogassem com os conteúdos trabalhados em sala de aula pelos alunos, os bolsistas do programa ficam responsáveis por formular um roteiro para os episódios gravados no dia. Finalizado o processo anterior, escolhemos um local e gravamos a entrevistas, com convidados escolhidos na hora ou que demonstram algum interesse no projeto. Desde então, já conversamos sobre o ensino, sobre literatura, sobre universidade com estudantes do Ensino Médio e também sobre Geografia.

Este projeto ainda está em uma fase inicial, não conseguimos levá-lo para sala de aula e observar como os alunos respondem a esta metodologia. Como futura docente, posso afirmar que já colhi os frutos dessa experiência, compreender pessoas diferentes daquelas que estou acostumada a ouvir sobre como percebem determinados assuntos, em especial a educação, nos faz entender muito sobre a educação, sendo este um assunto em que as pessoas geralmente se sentem muito à vontade em opinar com clareza e sinceridade. Além disso, a fala e a desinibição

⁵ Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Campus Litoral Norte. Coordenador do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência).

que é preciso ter para estar frente às câmeras, também contribui de forma significativa para nós que em alguns semestres estaremos frente a salas de aula cheia de alunos.

Figura 9: Estrutura para a realização das entrevistas para o PIBID cast, na última edição do evento UFRGS Portas Abertas - Campus Litoral Norte.

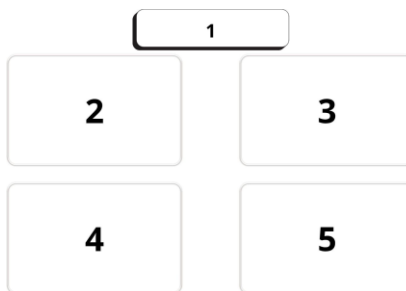


Fonte: UFRGS (2026).

A oficina de desenho e Geografia

A oficina que une a Geografia e o desenho, será apresentada inicialmente no evento UFRGS na Praia, que ocorre entre os meses de janeiro e fevereiro na Colônia de Férias da UFRGS, localizada no município de Tramandaí. A ideia é propor debates com públicos diversos sobre assuntos relacionados à Geografia em uma escala regional com assuntos pertinentes ao Litoral Norte Gaúcho, mas utilizando métodos diferentes: os desenhos. Apesar da atividade ser apresentada inicialmente como uma oficina de extensão ela pode ser facilmente convertida em uma aula para Ensino Médio e/ou básico. De uma forma mais descritiva, a oficina será composta por cinco espaços, um deles expositivo com fins de exemplificação e outros quatro espaços de debate. Neles estarão dispostos materiais para desenhos e consulta, sendo eles, os de consulta: artigos e matérias de revistas e jornais curtos e de fontes confiáveis e os de desenho: papel, lápis de cor e escrever, giz, etc.

Figura 10: disposição espacial dos espaços de trabalho da oficina.



Cada espaço possui um objetivo e uma metodologia diferente, exceto o primeiro espaço, em que será utilizado como um mural de exemplos. Os espaços podem ser alterados a cada aplicação da atividade.

Nesta primeira aplicação, os espaços abordarão em diferentes perspectivas a Barra do Rio Tramandaí. O segundo espaço busca dialogar sobre as mudanças na região ao longo do tempo em relação ao solo e ao espaço. Para este espaço, serão utilizados diversos materiais para a criação de desenhos sensoriais (a areia, por exemplo, além de ser utilizada para relevo, também pode ser utilizada para desenhar com os dedos, se disposta em algum recipiente largo com baixa profundidade). O terceiro espaço aborda a urbanização na Barra do Rio Tramandaí, através de um mapa coletivo de construção do espaço da região, onde será dado um papel pardo grande, para que o grupo faça uma restituição do espaço conhecido e dialoguem sobre as áreas de urbanização. O quarto espaço fala sobre a pesca cooperativa com o boto, através de ilustrações mais simples, mas que buscam identificar elementos importantes para a compreensão da importância da pesca do boto e da sua integração. O último espaço apresenta um fim mais generalista, onde a Barra é trabalhada através de croquis.

O trabalho continua ...

Assim como os trabalhos que mostrei, outros similares seguem sendo desenvolvidos pelo nosso grupo, cada um ensinando a sua maneira, alguns mais explicativos e outros mais expositivos. Nesta aula abaixo, levamos dois mapas e alguns logotipos de marcas conhecidas impressas, em que cada aluno deveria colocar uma logo em cima do seu país de criação e falar o que sabe sobre sua história. Não houve sorteio, os alunos poderiam escolher aquelas que já conheciam um pouco mais. Contudo, antes da aplicação, realizamos uma aula expositiva para

que os alunos tivessem algum conhecimento sobre blocos econômicos e sobre a economia ao redor do mundo.

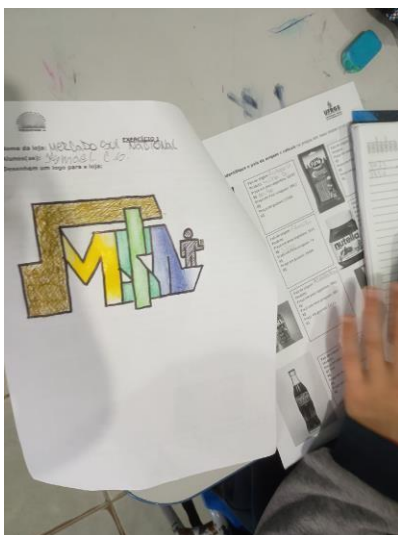
Figura 11: aplicação da atividade sobre blocos econômicos.



Fonte: Nascimento (2026).

Seguimos trabalhando assuntos ligados a blocos econômicos e em nossa aplicação seguinte, abordamos o assunto sistema monetário, tratando da variação do valor da moeda em alguns países, como: Brasil, EUA, dentre outros. Nesta atividade, os alunos deveriam converter os preços de alguns produtos em diferentes moedas, após, deveriam criar sua própria loja, com nome e logotipo próprio.

Figura 12: aplicação da atividade sobre sistema monetário.



Fonte: Nascimento (2026).

Considerações finais

Este texto não busca impor, de maneira alguma, formas ou métodos corretos de se ensinar, compreendendo que cada profissional pensa, ensina e trabalha de um jeito próprio, mas sim, tem como objetivo provocar aqueles que exercem uma função tão importante - a de formar, instruir, educar... novos indivíduos - a adotarem a postura que tanto almejam de seus alunos, uma postura crítica, consciente, analítica, criativa, entre outras tantas habilidades esperadas em nossos alunos. Sendo assim, qual outra disciplina tão ampla e abrangente, ao mesmo tempo específica, quanto a Geografia para falar de diferentes assuntos apoiando-se nas mais diversas abordagens. Tendo em vista, as dificuldades e a carga burocrática a qual essa profissão cada vez mais vem sendo submetida, e que por vezes acaba tomando grande parte do tempo de trabalho do professor, todas as nossas propostas buscam ser aplicáveis e acessíveis aos docentes, através de modelos práticos e adaptáveis ao tempo, as turmas, ao conteúdo, etc.

Referências

- ANDRADE, J.P. Aprendizagens Visíveis: Experiências teórico-práticas em sala de aula. Panda educação, 1ed., 2021, p. 5-36.
- BROOKS, C. Uma bússola profissional. In: MATTOS, J. Bússola Profissional: Como fazer a escolha certa na hora de decidir pela profissão.
- MASSEY, D. A mente geográfica. GEOgraphia: Niterói – Universidade Federal Fluminense, v.19, n°40, 2017. ISSN 15177793.
- PEREIRA, C.; CASTELLAR, S. Fundamentos do raciocínio geográfico e educação geográfica brasileira. Revista Brasileira de Educação em Geografia: Campinas, v.14, n.24, p. 05-30, jan/dez 2024.

*Recebido em: 02 dez. 2026.
Aprovado em: 01 ago. 2026.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: a autora
Revisor(a) de língua inglesa: a autora
Revisor(a) de língua espanhola: a autora*